

Sob o céu de Juliet

— Eu não devo obediência a ninguém, a não ser a mim mesma! Sou a herdeira do trono!
— rugiu a Princesa Sar Gral Krak, sua voz ecoando pelo salão adjacente a seus aposentos. Ela se movia de um lado para o outro, uma tempestade contida, prestes a desabar.

— Meu pai está errado! A palavra dele pode ser a voz de Kavish, mas ele está errado!

Com quase três metros de altura, Sar Gral Krak era a personificação da imponência da nobreza mizzariana. Seu tronco humanoide erguia-se altivo, mas abaixo da cintura, seu corpo escorpiônico se firmava sobre seis patas musculosas. Pinças afiadas e uma cauda curva, armada com uma ponta gotejante de veneno, completavam sua forma marcial. A carapaça que protegia seus cinco metros de comprimento reluzia, espessa e resistente o bastante para defletir disparos de laser. Os mizzarianos eram temidos não apenas por sua aparência, mas por uma reputação forjada em crueldade e frieza.

Sar Gral, no entanto, destoava do esperado. Como filha mais velha do Imperador Kazariagot, esperava-se que fosse um exemplo de contenção. Contudo, desde jovem, revelou-se desafiadora, inquieta, faminta por ação. Seu pai, numa tentativa de domar seu ego fervente, concedeu-lhe a patente de almirante — um gesto que, agora, cobrava seu preço.

— Hetrek Sar Gral, se vamos agir, tem que ser agora — murmurou o Comandante Per'Trukark, seu mais fiel aliado e adulator convicto, sempre alimentando a rebeldia da herdeira com promessas de glória.

“Hetrek” era o tratamento cerimonial reservado à princesa herdeira em Mizzar, e Trukark era obrigado a usá-lo toda vez que a saudava.

— Eu sei, Trukark. Mas não posso me mover sem um plano consistente — a voz transbordando uma impaciência que mal conseguia conter. — Se os “Nukeoks” do Núcleo Galáctico se unirem aos fantasmas de Juliet, estaremos condenados. Nem toda a nossa armada poderá conter o avanço deles. E meu pai, com aquele seu plano secreto que nunca se concretiza... tudo vai desmoronar!

A frota que ela liderava aguardava há anos, posicionada na Orla Média desde a amarga derrota na Batalha do Cruzeiro. O imperador, sempre cauteloso, adiava o prometido contra-ataque.

— Hetrek, podemos lançar um assalto rápido. Um bombardeio orbital ao planeta dos fantasmas, arrasando as instalações da UPC. Não há defesas sólidas por lá — sugeriu Trukark, atirando uma faísca sobre pólvora.

— Seria um golpe certo... — ela ponderou, os olhos fixos no vazio. — Mostraríamos que o Império Mizzariano não foi derrotado. Mas meu pai jamais aprovaria. Desobedecê-lo seria uma afronta direta à vontade de Kavish.

Ela hesitou, a ambição lutando contra a doutrina.

— Se eu fizer isso, precisa ser um sucesso retumbante. Não há espaço para o fracasso. Minha honra, meu legado... preciso garantir que meu irmão mais novo nem ouse sonhar com o trono.

Por um instante, Sar Gral se imaginou no trono sagrado, seus súditos de joelhos, vestes cerimoniais imperiais transparecendo o poder e a glória destinados àquela que guiaria seu povo à conquista de colônias fartas e à subjugação das raças do Núcleo Galáctico.

Ela parou, observando o salão. As paredes de rocha viva contrastavam com as flâmulas negras e douradas que tremulavam com o calor úmido. A umidade escorria pelas pedras como um suor antigo, exalando um odor mofado e ancestral. Em um ambiente cavernoso como aquele, qualquer sombra podia ocultar um traidor. Sar Gral moveu-se até a imensa porta de madeira e encostou o ouvido, buscando o som de passos ou sussurros no corredor.

Trukark a observava, os olhos carregados de desejo. Fantasiava com o que poderiam ser: não apenas aliados, mas amantes, governantes. Sonhava em domá-la, como um predador que subjuga outro. A armadura de “misvinho” que Sar Gral usava — um metal fluido de uso exclusivo da realeza — colado ao seu corpo realçava sua beleza cruel. Ele sabia como alimentar sua ambição com apoio e ideias ousadas, mas temia a paranoia que crescia nela como um fungo venenoso.

— Ninguém nos escuta, Hetrek. Tenho olhos e ouvidos em toda parte. Estamos sozinhos — garantiu ele.

— Mesmo assim, poderiam ter implantado escutas. — Seus olhos varreram o salão. Uma opressão apertava seu peito.

Ela foi até a janela e a abriu. A visão da capital, EkaKavish, desdobrou-se diante dela, imensa e sufocante. Do alto das torres do castelo, enxergava o caos da superpopulação. Sar Gral sentia nos olhares do povo a cobrança silenciosa: "Quando seremos ouvidos?". Mas seu pai... seu pai permanecia cego. Imóvel. Era insuportável.

— Mande preparar minha frota. Partiremos em dois dias. Atacaremos — disse ela por fim, sem se virar.

Ela sentia os olhos de Trukark em suas costas. Sabia que ele a desejava e, por vezes, alimentava esse anseio com pequenas permissões, mantendo-o fiel. Em outras, o reduzia a nada, lembrando-o de seu lugar como uma peça no tabuleiro imperial — um possível membro do seu futuro harém, mas nunca mais que isso.

Ela girou o corpo suavemente, as mãos deslizando pelos cabelos negros presos no alto da cabeça, e caminhou em sua direção.

— Escutou-me, Comandante?

Trukark, surpreendido pela aproximação, endireitou-se depressa.

— Sim, minha Hetrek. Providenciarei tudo — com um sorriso malicioso nos lábios finos. Ele fez uma reverência e se retirou.

"Logo ela será minha", pensou ele, já a caminho da nave.

— Patético — murmurou Sar Gral com um sorriso de desprezo, antes de desaparecer por outra porta.

A decisão estava tomada. E era perigosa. Desobedecer ao Imperador — o filho de Kavish — era uma ofensa punível com a morte. O aviso de seu pai ainda ecoava em sua mente

enquanto ela atravessava os corredores sombrios do castelo, onde o silêncio era quase palpável.

Algumas horas antes...

A sala do trono era imensa, seu teto tão alto que a escuridão o engolia. Plantas sombrias desciam das abóbadas como tentáculos vivos, abrigando insetos que se moviam sem som. Ali, dentro da montanha esculpida ao sul de EkaKavish, nascera o culto a Kavish. As paredes cobertas de musgo carregavam as marcas de mais de cento e trinta gerações de imperadores. E Sar Gral seria a primeira mulher a ocupá-lo.

Por essa razão, Kazariagot exigia sua presença nas audiências, enquanto proclamava penas, juízos e decretos. Mas ela ansiava pelo campo de batalha — pelo sangue em suas pinças, pelo peso do machado de lâmina dupla em suas mãos. Os confrontos com o pai eram constantes.

— Sei que já falamos sobre isso, meu Imperador, mas reforço: devemos atacar agora. A UPC cresce a cada dia. O Núcleo Galáctico é rico, e nosso povo precisa desses recursos — afirmou Sar Gral, ajoelhando-se sobre as duas pernas frontais, o olhar fixo no chão de ardósia verde.

— Sua impaciência me esgota, Hetrek. Já discutimos isso e, ainda assim, você insiste. — Kazariagot desceu lentamente do trono, talhado na rocha escura e adornado com os símbolos sagrados de Kavish. Seu corpo era uma massa de poder: mais de três metros de altura, sete de comprimento, com uma carapaça negra como azeviche. Espinhos quitinosos brotavam de suas patas como presas. — Quando a hora chegar, você será avisada. Nem antes, nem depois. E os Nukeoks pagarão caro por sua ousadia.

Os mizzarianos chamavam assim os povos do Núcleo Galáctico — “Nukeok” significava *longínquos* em sua língua ancestral. Um nome carregado de desprezo, reservado aos que viviam longe demais para entender o peso da glória imperial.

— Mas, pai...

— Cale-se! — A voz do imperador soou como um trovão. — Kavish já falou. E como sua serva, você deve obedecer.

Kazariagot desceu os últimos degraus e tocou levemente o rosto da filha, erguendo-o.

— Minha filha... sua impetuosidade me preocupa. Ela poderá destruí-la. Se fizer o que está pensando, não poderei protegê-la. Nem como imperador, nem como pai. Confie em mim. Peço paciência, não por covardia.

Sar Gral desviou o olhar. Por dentro, amaldiçoava a lentidão do pai, seu eterno equilíbrio entre os sacerdotes e os generais. Ele tinha medo, ela sabia.

— Farei o que ordena... Imperador. — A palavra saiu como veneno de seus lábios.

Ela se ergueu, virou-se e sumiu na penumbra.

Kazariagot balançou a cabeça. A juventude ardia com um fogo perigoso. Seu plano precisava seguir com cuidado. Se revelado antes da hora, espiões e traidores o destruiriam. Ele se virou para as janelas, observando o rio Khor serpentear entre os troféus

de guerra nas ruas da cidade guerreira. Era hora de retornar a Zuladya, a capital da lua Koyger. A vitória exigia sigilo.

Escondida entre os pilares laterais do salão, Sar Gral observava em sigilo. Seu pai, Kazariagot, caminhava de um lado a outro, com o semblante tenso. Ele parou diante das janelas e permaneceu ali por longos segundos.

— Preparem minha nave. Partirei hoje mesmo para Zuladya — murmurou, de costas, para a penumbra onde seus servos esperavam reticentes.

Sar Gral fechou os olhos por um instante, ainda escondida entre as colunas, e entendeu que ele ocultava algo. E não a queria por perto.

Horas depois, cruzava sozinha os corredores do castelo com a mesma sensação ressoando em sua mente. O silêncio ao redor era espesso como um voto de morte. Ela já havia tomado sua decisão — mesmo sabendo que poderia custar a própria vida.

Da torre mais alta, Sar Gral observou a movimentação. A nave imperial elevava-se como um colosso, seus cascos púrpura e verdes refletindo os sóis gêmeos de Khilenta. Quatro mil placas encaixadas com perfeição pulsavam como se respirassem. Havia algo ali, mais do que tecnologia. Um segredo. Um destino aguardando um gesto, uma escolha. E dentro dela, o mizzariano que todos chamavam de Imperador.

A nave cortou os céus, sua proa apontada para a lua Koyger.

Sar Gral permaneceu perdida em pensamentos por mais alguns instantes, depois virou-se com decisão.

Ela desceu pelas passagens da torre até os corredores inferiores, o som dos próprios passos ressoando como tambores de guerra. Ela seria regente da cidade guerreira até nova ordem, mas não esperaria mais. A glória estava a seu alcance — e não permitiria que a oportunidade escorregasse por entre seus dedos.

Nos corredores, encontrou seu fiel comandante.

— Sua nave está pronta, Hetrek Sar Gral, como solicitou — informou Trukark.

— Alguém desconfia de algo? — perguntou ela, com um olhar penetrante.

— Claro que não. Para todos os efeitos, vamos seguir seu pai para Koyger.

— E a frota?

— Aguarda suas ordens. Eles a seguirão, Hetrek — confirmou o comandante. Sar Gral percebeu a firmeza em seus passos; ele sentia a pressão daquela decisão tanto quanto ela.

Ela queria agir rápido, antes que seu pai descobrisse. Queria trazer-lhe os corpos despedaçados de seus inimigos, naves partidas ao meio servindo de troféus pelas ruas de Khilenta.

Ambos entraram na nave da princesa e partiram rumo a um ataque que definiria o equilíbrio de poder na galáxia.

A bordo de sua nave oficial, o piloto obedeceu às ordens, levando-os até a frota mizzariana estacionada no sistema Ipert, oculta em algum lugar na Orla Média. Desde a Batalha do Cruzeiro, parte da frota permanecia ali por ordem do Imperador. Sar Gral era sua almirante.

— Seu informante entre os nukeoks confirmou que os líderes estarão no planeta dos fantasmas? — Sar Gral virou-se para Trukark, buscando a confirmação final.

— Sim, Hetrek. Todos os principais líderes estarão lá. Construíram um edifício no planeta dos fantasmas, onde poderão interagir com aquelas criaturas. A reunião acontecerá ali. Contratei pessoalmente um caçador Yautja para atacar o local.

— Esse Yautja é honrado? — Sar Gral sabia que os Yautja eram conhecidos por seu código de honra. Um trabalho como aquele não parecia condizer com sua reputação.

— Não. Ele é um pária. Um caçador de recompensas. Está sendo muito bem pago. — Trukark respondeu, distraído enquanto verificava dados em seu *pad*, sem notar o olhar atento da princesa.

— Espero que você não erre nessa escolha, comandante — a ameaça em sua voz era palpável.

— Não errei. Se não morrerem no ataque dele, já estaremos sobre suas cabeças, despejando uma chuva mortal. Os fantasmas podem não ter construções, mas seu planeta se transformará em cristal sob o fogo de nossos canhões. Destruiremos tudo na superfície — explicou Trukark, confiante.

Sar Gral sorriu discretamente, aprovando. Sua nave entrou em um buraco de minhoca, o único caminho viável para cruzar a vasta distância entre seu mundo natal e os planetas centrais. Sem esse atalho, a viagem levaria cerca de cem anos em dobra máxima. Após vinte minutos de imobilidade sufocante, a nave emergiu na vastidão escura e estéril do sistema Lon, e no instante seguinte, saltou novamente em dobra, rumo à frota oculta.

Sar Gral tamborilou as garras no chão de metal, a voz saindo leve demais para alguém que não se importava.

— Fale-me mais sobre esse Yautja desonrado. — Guerreiros de corpo musculoso, caçadores imbatíveis. Seu contato com eles fora limitado, mas desde o primeiro encontro, a brutalidade elegante deles a excitava.

— Não há muito o que dizer, Hetrek. Seu nome é An'tui. É um pária com habilidades impressionantes, expulso de seu clã pelo uso de armas proibidas. Agora vive como caçador de recompensas, um solitário. Sua nave é adaptada para viagens interplanetárias e ataques, e ele é especialista em armas lasers e lâminas. — Trukark falou sem perceber o brilho nos olhos da princesa, mais preocupado em atualizar os dados da frota.

Sar Gral permitiu-se um leve tremor, mas sua voz saiu neutra. — Quando terminar, quero conhecê-lo.

Trukark ergueu os olhos, subitamente desconfiado. Havia algo na curiosidade dela que o incomodava profundamente.

— O que quer com um desonrado em sua presença? — perguntou ele, tentando esconder o tom possessivo.

— Esqueceu-se com quem está falando, comandante? — A voz dela foi cortante como uma lâmina. Trukark enrijeceu, seu ciúme rapidamente contido.

— O que eu quero ou deixo de querer não é da sua conta. Apenas faça o que mandei.

— Como quiser, Hetrek — a reverência em seguida foi engessada quase forçada.

Através do visor principal, Sar Gral viu a frota. Doze destroieres espaciais, doze titãs de guerra aguardando como predadores ancestrais, prontos para esmagar a UPC e sua tola ideia de união. Suas silhuetas robustas e angulares lançavam sombras ameaçadoras. Cada um era uma fortaleza de metal roxo e verde, com placas de blindagem sobrepostas como as escamas de um *Kharath* um réptil de seu planeta. Seus motores ardiavam em azul, e luzes vermelhas pulsavam nas laterais, como olhos famintos. Eram máquinas feitas não para navegar, mas para dominar. Juntas, formavam uma frota compacta e letal.

Seria a glorificação de Khilenta, um dia para reverenciar a nova Imperatriz.

No entanto, fora dos limites do Império, poucos se referiam ao planeta por seu nome sagrado. No Núcleo Galáctico, eram conhecidos apenas como *os mizzarianos* — uma palavra que soava genérica, quase indiferente, para um povo que se via como descendente direto dos deuses.

— Almirante na ponte! — anunciou o oficial de serviço.

Sar Gral entrou, ativa, na ponte de comando do *Viskar*, o navio-capitânia. Ao seu lado, Trukark mantinha a postura rígida. Ela respirou fundo. As tratativas secretas com Vazzios estavam concluídas; era hora de colher o fruto daquela diplomacia sombria.

— Contatem a *Escuridão*, o cruzador de combate vazzioniano. — Sua voz ressoou com autoridade. — Vamos tomar o que é nosso hoje, soldados! Sem misericórdia, sem perdão! Vingaremos nossos irmãos mortos na Batalha do Cruzeiro! E não estaremos sozinhos.

Trukark ficou atônito. Sar Gral, secretamente, havia forjado uma aliança com a Comandante Vesparin de Vazzios. Vesparin, no comando de um grande encouraçado, aguardava sua própria chance de atacar os goodlesianos, e um ataque conjunto contra a UPC seria fatal. A comandante vazzioniana não queria ficar de fora.

A holoimagem imponente de Vesparin surgiu: grandes asas membranosas, chifres curvados e pele vermelha como sangue. Seus olhos ardiavam com uma ganância selvagem.

A imagem oscilava diante dela, tão vívida que Sar Gral quase sentiu de novo o calor das noites em Tyllen, quando o mundo parecia suspenso entre sussurros e promessas.

Mas isso fora antes. Antes da destruição. Antes da derrota do cruzeiro.

Um sorriso que não alcançou os olhos curvou os lábios de Vesparin. — Juntas, Hetrek Sar Gral, conquistaremos a glória.

Sar Gral sempre confiara nela — talvez mais do que devia. Mas havia algo em seu tom, naquela noite, que a fez hesitar por um instante. Uma pausa. Um detalhe. E então passou.

— Preparem a frota para o salto de dobra em direção ao planeta Juliet, no sistema Segin!
— Sar Gral ergueu um braço em desafio. — Hoje teremos troféus para mostrar ao nosso povo!

A nave sacudiu e mergulhou na dobra. As outras a seguiram, cegas, rumo ao seu destino. A sorte estava lançada.

Enquanto a filha do imperador partia para a guerra, em um canto esquecido da galáxia, um arturiano solitário despertava entre as estrelas.

A milhares de quilômetros do buraco de minhoca Xy-578, nas proximidades do sistema Lon, o Capitão Karas, a bordo de uma pequena nave de vigilância, terminava de verificar os sistemas. Sua missão ultrassecreta, ordenada pessoalmente pelo Secretário de Inteligência da UPC, Uriel de Goodles, era descobrir se a passagem estava sendo usada pelos mizzarianos.

No último ano, transmissões subespaciais haviam sido detectadas na área, mas não havia sinais de naves ou planetas. Os fragmentos interceptados continham informações valiosas sobre a Frota Branca e o governo central da UPC. Um espião se infiltrara na hierarquia, e Uriel estava determinado a encontrá-lo, usando informações falsas como isca.

Karas sentou-se diante dos sensores, o olhar atento, os dedos tamborilando no encosto do braço. Tocou de leve o painel, lembrando-se dos dias sombrios após a Batalha do Cruzeiro, quando sua aliança com os antarianos o afastou de seu próprio povo. Herói para os antarianos, traidor para os arturianos. Ele fizera sua escolha. E agora, talvez fosse o único capaz de notar a pequena nave que se aproximava sorrateira.

Após dias de espera, a presa finalmente mordeu a isca. Um pequeno veículo antariano não identificado emergiu perto do buraco de minhoca. Oculto em sua nave camuflada, Karas assistiu enquanto a transmissão confirmava o embuste.

Bastou ver a curvatura assimétrica da fuselagem e o arranjo das aberturas de exaustão. Nave antariana. Sem dúvida. Karas franziu a testa. Eles não deveriam estar ali. Não sem aviso, não naquele setor.

Instantes depois, o veículo suspeito desapareceu.

"Agora te peguei", pensou, enviando os dados para a *UPC Kon*. *"Esses sensores que o Shansay inventou são mesmo excelentes."* - Capelino genial, oficial-chefe de engenharia da *Kon*, Shansay parecia sempre saber o que os outros só descobririam horas depois.

— Comandante Yeng, já tenho os dados. Estou retornando para a *Kon* — informou Karas pelo comunicador.

— Entendido, capitão. Estamos aguardando — Yeng, seu primeiro oficial e atual comandante da *UPC Kon* na ausência de Karas, desligou o comunicador com um gesto sutil.

A nave auxiliar girou precisa sobre o eixo e iniciou a manobra de retorno. O campo de contenção do hangar da *Kon* se abriu em resposta ao código de aproximação. Karas trouxe a nave para dentro com precisão cirúrgica. A aterrissagem foi suave, como era de se

esperar de um piloto com seu histórico. Assim que desembarcou, seguiu direto para o turbo elevador.

Enquanto subia rumo à ponte, mergulhou nos próprios pensamentos.

Ele, um arturiano exilado, condenado como traidor em sua terra natal, agora carregava em mãos as provas da traição de um antariano — um dos povos que o acolheram quando mais ninguém quis.

A vida tinha uma ironia amarga.

Traição, afinal, era uma questão de ponto de vista. Em Arturus, bastara discordar de uma ordem para ser chamado de desertor. Aqui, bastaria entregar um desertor para ser visto como leal.

Convicção e contexto. Era disso que se fazia um traidor.

O elevador parou com um leve solavanco.

— Capitão na ponte! — anunciou o oficial de serviço.

— Então, Comandante Yeng, as informações já foram enviadas ao Comando da Frota?

— Karas sentou-se em sua cadeira, revestida de um couro escuro e confortável, e conferiu pessoalmente as leituras dos painéis.

— Todos os dados foram enviados, capitão. Ele não vai escapar desta vez — respondeu Yeng, um capelino de olhos estreitos e cabelos prateados, cuja lealdade ao capitão era inquestionável.

— Vamos voltar para a base. Tenente Opis, dobra 5. Rumo ao QG da Frota.

— Dobra 5, QG da Frota. Acionando — repetiu o tenente antariano com precisão.

A *Kon* saltou para a dobra, e as estrelas se tornaram linhas esbranquiçadas. Com os dados decodificados, a engrenagem da política começou a girar.

O Comando da Frota Branca da UPC operava a partir de uma base em construção na órbita do planeta Antares. Ao longe, o majestoso sol vermelho antariano brilhava contra o resplendor do centro galáctico.

— Almirante, estão chegando os dados da *UPC Kon*, enviados pelo Capitão Kardassian — anunciou o oficial de comunicações.

O Almirante Ydrael, um goodlesiano de asas branco-azuladas e olhos verdes, trajava seu uniforme branco com detalhes azul-dourados. Sentado diante de uma ampla janela, sua mente processava múltiplos fluxos de dados simultaneamente, uma habilidade notável mesmo para sua espécie.

— Repasse tudo para meu painel em criptografia delta-78 — ordenou, levantando-se e caminhando para a sala de comando adjacente.

A sala era ampla, luminosa e silenciosa — construída com materiais translúcidos típicos da engenharia goodlesiana. Estruturas cristalizadas em forma de espirais orbitavam

painéis de controle, ajustando-se aos gestos de Ydrael com absoluta precisão. No centro, uma mesa holoprojetora emitia gráficos em várias camadas, como pétalas flutuando em gravidade parcial.

Tudo ali exalava ordem, simetria e clareza. Era o tipo de ambiente que refletia não apenas sua função estratégica — mas a mente de quem o comandava.

Seus olhos correram pelos relatórios com uma urgência contida. Um nome logo surgiu: Senmarion Elentuvar. Oficial de mecânica espacial na Base de Manutenção Sextta 12, Antares. Os antarianos ainda enfrentavam dificuldades, mesmo com o apoio da UPC após sua transição para uma monarquia parlamentar. Técnicos antarianos como Elentuvar tinham acesso regular às naves da frota — durante procedimentos de rotina, inspeções técnicas e recalibrações de sistemas.

Foi provavelmente ali, em meio a códigos e conectores abertos, que ele conseguiu interceptar canais de comunicação, extrair dados de missão e vendê-los aos mizzarianos. Um traidor discreto, escondido no coração da engrenagem.

— Transmita tudo ao Secretário Uriel — Ydrael, não demonstrava surpresa. — Inicie contato na faixa de segurança delta-78.

A holoimagem revelou o semblante severo de Uriel, suas imensas asas negras dobradas elegantemente.

— Irmão — cumprimentou Uriel.

— Paz na Autoridade, irmão. Os dados já foram enviados. Um antariano, como suspeitávamos. Não vamos ser pegos de surpresa de novo. Mantenha-me informado.

— Assim será feito. Paz na Autoridade.

A ordem fora dada, e a polícia judiciária agiu sem hesitar.

Com a identidade do traidor revelada, a captura foi rápida. Estava encurralado, vencido pelas dificuldades e pelo dinheiro fácil. Ao cair da noite, a confissão chegou: Elentuvar trabalhava para os mizzarianos desde antes da Batalha do Cruzeiro, repassando dados através do buraco de minhoca em troca de pagamentos deixados em um asteroide. Nunca tivera contato direto com seus empregadores.

Entre as informações vazadas, uma se destacou pela gravidade: a localização exata da cerimônia de adesão de Juliet à UPC, incluindo os horários e os nomes das autoridades presentes.

O traidor também revelou detalhes sobre o **Prédio Concórdia**, a única construção sólida em todo o planeta de Juliet — um mundo habitado por formas de vida insubstanciais. Justamente ali ocorreria a assinatura simbólica.

Uriel convocou uma reunião de emergência na sede da Frota Branca. A sala, recém-finalizada, exibia um tapete azul profundo com o símbolo da UPC — uma flor-de-lis azul ao centro de quatro estrelas, representando os planetas fundadores. O Presidente Cardan Varlen ocupava a cabeceira. Secretário Uriel e o Almirante Ydrael, que chegaram cedo, haviam preparado uma proposta confidencial.

— Senhor Presidente, membros do conselho, capturamos o traidor — iniciou Uriel. — Contudo, ainda não sabemos o que os mizzarianos planejam. A descoberta do buraco de minhoca foi fundamental, e nossos cientistas trabalham para fechá-lo.

— E quanto às informações que ele vazou? — perguntou o Chanceler das Embaixadas, com os olhos fixos em Uriel.

— A mais sensível foi a localização da cerimônia de adesão de Juliet à UPC. — A voz de Uriel endureceu. — Detalhes precisos: nomes, horários, estrutura do edifício, protocolos de segurança.

Um murmúrio percorreu a sala.

— Senhoras e senhores — o Presidente, inclinado à frente — não é preciso ser estrategista para perceber a próxima jogada.

— Juliet será atacada — concluiu Uriel. — E não como uma guerra declarada, mas como uma demonstração. Um aviso. Um símbolo.

Silêncio. O tipo de silêncio que precede decisões que mudam destinos.

Mapas tridimensionais mostraram a fenda espacial que, durante a Era do Veneno, permitira o avanço mizzariano. Cardan, visivelmente incomodado, ajustou-se na cadeira. A frota da UPC ainda estava em expansão e em desvantagem numérica.

— E quanto à possibilidade de uma nova invasão, Secretário? — perguntou ele.

— Não acreditamos nisso, senhor Presidente — explicou Uriel. — Após a destruição de sua frota na Batalha do Cruzeiro, eles perderam acesso a matéria-prima essencial. Acreditamos que a força remanescente, escondida na Orla Média, não seja suficiente para uma invasão.

— Mesmo assim, devemos estar prontos para o combate — alertou Ydrael. — Deixaremos nossas naves em alerta. A adesão de Juliet à UPC já atraiu a atenção deles.

— Amanhã, seguirei para Juliet a bordo da *UPC Ragnarok* junto com uma comitiva de autoridades. Não vamos mudar nossos planos. — Cardan, manteve a voz resoluta. Como herói da Batalha de Vandar, sua intuição era lendária. — O Capitão Kardassian manterá a vigilância no buraco de minhoca. Qualquer movimentação deve ser relatada ao Almirante Ydrael. Os juliets precisam de segurança.

A reunião se encerrou. As oito naves da UPC seriam posicionadas no sistema Capela, em alerta máximo.

— Atenção, todos os capitães. Desloquem-se para o sistema Capela e aguardem ordens — informou Ydrael pelo canal de segurança.

A missão de Karas, contudo, era distinta.

Minutos depois da reunião do conselho, Karas foi chamado à sala de comando de Ydrael. A convocação fora direta, sem detalhes — e Karas já aprendera que isso nunca era bom sinal.

— Retorne ao buraco de minhoca Xy-578, capitão. Quero relatórios a cada hora — ordenou Ydrael, pousando a mão no ombro de Karas em um gesto de confiança. — Se uma armada sair de lá, precisamos estar prontos.

— Entendido, almirante. Farei a vigília pessoalmente.

— Ótimo. O Capitão Muriell Angellus acompanhará as autoridades até Juliet. Se algo ocorrer, conto com você.

Karas deixou a sala de comando pensativo. Cruzou os corredores centrais da base com passos firmes, o pensamento já à frente, no que viria depois da dobra. As últimas ordens ecoavam em sua mente, e o rosto de Ydrael — sereno, mas grave — não lhe saía da cabeça.

As luzes frias da doca principal anunciavam o horário de troca de turnos, sua tripulação já o aguardava. Retornariam ao mesmo ponto de vinte e quatro horas atrás. A *Kon* não era a maior nave da frota, mas era a mais veloz, equipada com tecnologia canopolana capaz de alcançar dobra 8.8. Sua silhueta elegante era um manifesto de velocidade e precisão.

— Aqui é o Capitão Kardassian — anunciou pelo comunicador interno. — Partimos em missão de vigilância. Estejam prontos para qualquer confronto. Capitão, desligo. — Virando-se para o piloto, completou: — Dobra 8, sistema Goman, Tenente Opis.

A nave já em movimento fora da doca estremeceu levemente e mergulhou no hiperespaço.

— Almirante, houve uma grande movimentação no setor 77 do sistema Leiulili. Acredito que seja a frota que o senhor vem perseguindo — anunciou o oficial, pegando o Almirante Khan Ratikco Nar de surpresa.

Nar, um paracelsiano de corpo robusto coberto por uma pelagem prateada, possuía duas grandes antenas vermelhas recurvadas e orelhas longas e atentas. Seus olhos negros e esbugalhados transmitiam uma sabedoria ancestral e uma frieza estratégica.

— Na tela — pediu ele, com calma.

A imagem revelou doze titãs metálicos. *Mizzarianos, sem dívida* – pensou.

Ele reconheceria aquela configuração de predadores em qualquer canto da galáxia. Talulukalalau, o sargento que retornara sozinho e traumatizado da missão científica devastada em Perio I, descrevera com precisão cirúrgica os mesmos cascos angulares, as insígnias do escorpião imperial, a covardia absoluta do ataque.

Nar jamais esquecera. Nem perdoara.

Seus olhos não se moveram, mas sua voz desceu um grau.

— Alerta vermelho.

As antenas de Nar moveram-se com impaciência. Ele sempre soubera que estavam à espreita; seu instinto de leitor de manobras de combate nunca falhava.

— Envie essas imagens ao Almirante Ydrael da UPC. Eles vão atacar a qualquer momento — sua segurança era total. — Vamos nos juntar à nossa frota. Velocidade máxima, piloto.

A nave paracelsiana, com seu design semelhante a uma estrela de seis pontas, partiu.

— Atenção, todas as estações de combate de Kanaga! — a voz de Nar ecoou. — Os mizzarianos preparam um ataque. Levantem suas asas, povo Kan! Não aceitaremos mais ataques covardes. Todas as naves, entrem em formação e aguardem o próximo comando!

Kanaga — ou Paracelsus, como eram conhecidos pela UPC — marchava para a guerra. Desde o último confronto, dois anos antes, a diplomacia havia chegado ao fim.

A bordo da *UPC Kon*, a tripulação se preparava para o combate. Torpedos, canhões, escudos — tudo era verificado e otimizado sob o olhar atento do capitão.

— Capitão, os sensores captaram uma pequena nave. Vai emergir do buraco de minhoca em três minutos — informou o oficial de ciências.

— Na tela, tenente.

A pequena nave era mizzariana, com capacidade para no máximo dez de suas imensas criaturas. Surgiu no espaço como um vulto, e, em segundos, saltou para a dobra, desaparecendo.

— Peguem a assinatura de dobra. Quero saber para onde ela está indo! — ordenou Karas com urgência.

A nave desapareceu num lampejo verde doentio, deixando apenas rastros decaindo nos sensores. A UPC corria para decifrar a rota.

Já em segurança a bordo da *Viskar*, a nave capitânia mizzariana, Trukark caminhava pela ponte de comando com o semblante fechado.

A manobra havia sido arriscada, mas bem-sucedida. Agora, longe do alcance dos rastreadores da UPC, ele não perdeu tempo: iniciou a transmissão — criptografada e reservada a olhos específicos.

— An'Tui, sua caçada começa agora.

Sar Gral observava, sentada em sua cadeira de comando. A batalha estava prestes a começar.

A autoridade na voz de Sar Gral era inquestionável. — Atenção, todas as naves! Ao meu comando: dobra máxima para o sistema Segin. Acionar!

Uma a uma, as naves mizzarianas saltaram.

No mesmo instante, a Frota Branca recebia os relatórios do Almirante Nar e do Capitão Karas.

— Atenção, toda a Frota Branca! — anunciou o Almirante Ydrael. — Máxima dobra para o sistema Segin. Defendam o planeta Juliet a todo custo. *UPC Ragnarok*, estamos chegando com reforços.

— Aqui é o Comandante Gar, no comando da *Ragnarok*. Aguardamos apoio!

— Capitão Karas Kardassian, o comando da frota é seu. Siga imediatamente para o ponto de encontro — anunciou o almirante.

Pela primeira vez, Karas comandaria toda a Frota Branca. Era hora de mostrar do que um arturiano era capaz.

— Velocidade máxima para Segin, Tenente Opis! — Karas mantinha a voz inabalável. — Doze destroieres mizzarianos foram avistados. A frota de Paracelsus nos dará apoio.

— Todas as naves da Frota Branca, vamos interceptá-los antes que cheguem a Juliet. Coordenadas: 18.788 da lua Cassiopeia — informou Karas. — Envie as coordenadas ao Almirante Nar. Vamos pegá-los de surpresa.

— Capitão Kardassian, aqui é o Comandante Gar, da *Ragnarok*. Temos o apoio do Comandante Sumak de Wupor. Estamos a postos na órbita da lua.

Gar assumira o comando desde que o Capitão Muriell descera à superfície de Juliet, acompanhando o presidente. Agora, teria que liderar a nave na batalha que se anunciava.

— Entendido, Comandante Gar — Mantenha sua posição e coordene com o Comandante Sumak. — Karas pulava da de uma tela táctica para outra enquanto seus olhos processavam várias informações.

Virou-se para o operador de comunicações:

— Transmita ao Comandante Sumak: mantenha-se na retaguarda, em órbita baixa. Ele será nossa última linha de defesa e evacuação. Se o combate sair do controle, as autoridades devem ser retiradas com segurança.

A ordem foi recebida sem questionamentos. Karas sabia que precisava prever todas as possibilidades — inclusive as piores.

Enquanto isso, no planeta abaixo, o cenário era outro.

O sol de Juliet se punha, e a luz branca atravessava os vitrais do edifício Concórdia. O Capitão Muriell Angellus observava os convidados chegarem para a cerimônia de adesão. Embaixadores, o alto escalão da UPC e, por fim, o Presidente Varlen.

Muriell notou a amizade genuína no cumprimento entre o Embaixador Alexander Bloop e o Conselheiro-Chefe de Juliet, Jorian Rot. No centro da longa mesa, um tomo de capa azul repousava ao lado dos documentos traduzidos. Havia algo tenso na imobilidade de Jorian, uma espera que ia além do protocolo.

Em órbita, na ponte da *Ragnarok*, o oficial tático levantou os olhos dos sensores. Uma assinatura estranha, um veículo se aproximava do *Concordia*.

— Senhor, temos leitura incomum a trinta e dois mil metros. Aproximação em velocidade irregular. Assinatura térmica desconhecida.

O Comandante Gar franziu o cenho.

— Desconhecida? Não há permissão de sobrevoo em Juliet hoje.

Ele se voltou para a oficial de comunicações.

— Envie imediatamente ao Capitão Pollux: possível ameaça se aproximando do Edifício Concórdia. Que sua equipe proteja o perímetro e evacue o prédio.

— Ordem transmitida, senhor.

Minutos depois, no interior do salão da cerimônia...

Varlen estendeu uma caneta-laser. No exato instante em que a ponta tocou o papel digital, o ar mudou. Um som agudo e estranho veio de fora, e a porta da sala se escancarou com violência.

— Veículo voador! — gritou Spike Pollux, chefe da guarda presidencial, o rifle já apontado para a janela.

O projétil seguinte não deixou dúvidas. A janela explodiu. Estilhaços quentes cortaram o ar. Muriell viu Alexander jogar-se ao chão, o rosto ferido. O zunido da aeronave atacante foi seguido pelo estalo seco de disparos a laser que rasgavam o salão. Rajadas amarelas invadiam o espaço com precisão brutal, trazendo o cheiro de ozônio e metal queimado.

Muriell já estava em movimento. Entre a fumaça, viu Jorian vacilar, o corpo atravessado pelos tiros. A imagem de sua queda, como uma chama sendo sufocada pelo vento, gravaria-se em sua memória. Zustras, o embaixador de Canus, arrastava-se seriamente ferido. E então, contra todas as expectativas, Elmirngrym Sur — um wuponiano de músculos adormecidos e passos cerimoniais — moveu-se com velocidade surpreendente. Com a força típica de sua espécie, virou a pesada mesa de conferência, criando um escudo improvisado entre os disparos e os sobreviventes.

— Abaixem-se! — gritava Alexander, que, ao ver Jorian caído, correu em sua direção, ignorando o perigo.

No centro da sala, Uriel permanecia de pé, imóvel como uma rocha em meio à tempestade. Seus olhos brilhavam com uma luz interior intensa, e suas mãos se erguiam como antenas vivas, canalizando uma força invisível.

Um domo de energia começou a se formar ao redor dos sobreviventes — translúcido, pulsante, ondulando como água sob o calor. Os disparos atravessavam o ar, e os feixes mais fortes, de laser pesado, atingiam seu corpo em pleno peito e ombros.

A carne queimava, partes de sua túnica se desfaziam em chamas violetas, e ainda assim ele não vacilava. Não gritou. Não recuou.

Cada ferida parecia apenas alimentar o brilho em suas mãos.

— Pela raiz do tempo e o fio da luz, que o mal se curve e o dom conduza... — murmurou, como se orasse.

O escudo fechou-se em um estalo luminoso. A energia crepitou, sólida como cristal, e os tiros passaram a ricochetear inofensivos.

Muriell sentiu o tempo desacelerar. Jorian, quase translúcido. A preocupação de Alexander. O domo de Uriel. Pollux revidando os tiros.

Com os músculos tensos, ele abriu as asas e correu até a janela estilhaçada. O céu o chamava.

— Pluma que corta, vento que guia — queime o ar, me leve à linha! — murmurou, e as palavras arderam em suas penas como brasas vivas.

Lançou-se no ar com um estrondo, suas asas envoltas em luz. A velocidade rompeu a barreira do som com um estouro ensurdecedor.

O veículo fugia abaixo, mas Muriell era uma flecha viva. Sacou sua espada de aço celestial, a lâmina vibrando com magia latente, e a cravou na lataria da nave em pleno voo.

No painel da nave desconhecida, os sensores apitaram. Um vulto surgia atrás, veloz demais para ser mísseis ou interceptadores.

An'tui, o piloto Yautja, rosnou ao ver o brilho alado se aproximando pela escotilha traseira.

— Maldição! — rugiu, ativando os defletores.

Mas era tarde. Um clarão cortou o céu e algo colidiu com a fuselagem, fazendo a nave girar drasticamente.

Do visor lateral, ele viu uma figura envolta em luz, espada em punho, asas em chamas mágicas, como uma divindade guerreira.

— Goodlesiano... — cuspiu entre os dentes, engatando manobras evasivas.

As placas externas gemeram sob o impacto da lâmina celestial.

An'Tui puxou o manche com força, jogando a nave em rotação.

— Que venha então, maldito alado!

Muriell, agarrado ao casco da nave em alta velocidade, sentia o céu lutar contra ele, o ar se transformando em fogo ao redor de suas asas encantadas, mas não hesitou.

Com um grito primal, ergueu a espada de aço celestial com ambas as mãos e a cravou no topo da cabine. A lâmina cortou o vidro reforçado como se fosse gelo, atravessando a blindagem e penetrando a carne fétida do piloto.

An'Tui urrou. A cabine se encheu de sangue escuro. Com esforço, ele removeu a máscara, revelando a boca monstruosa repleta de presas.

— Você vai comigo, goodlesiano — rosnou, com um sorriso distorcido.

Em seu braço, um painel brilhou em vermelho. O contador ativou com um bip seco.

Muriell teve apenas um instante para entender. A nave já cruzava à estratosfera de Juliet. Lá embaixo, as cúpulas do Edifício Concórdia refletiam o sol poente.

Então veio a explosão.

Um clarão atravessou os céus como uma estrela em agonia. A nave se fragmentou em escombros flamejantes, pedaços cruzando a atmosfera como meteoros.

No centro da explosão, a gargalhada insana de An'Tui ecoou brevemente, antes de ser consumida pelo calor e pelo vazio.

Da ponte da *Ragnarok*, a explosão brilhou como um sol sombrio. No horizonte de Cassiopeia, a frota mizzariana despontava.

— Capitão Muriell, na escuta? — chamou o Comandante Gar. Estática. — Capitão Muriell? — Aquela explosão não fora um acaso.

As naves da UPC emergiram da dobra já disparando, pegando a frota inimiga de surpresa.

Na ponte da *Viskar*, a Princesa Sar Gral Krak observava os painéis piscarem em vermelho.

As naves da UPC estavam surgindo uma a uma nos radares, em formação de bloqueio. A teia estava completa. E ela já estava presa.

O campo gravitacional de Cassiopeia forçava manobras arriscadas, queimando combustível a uma taxa alarmante.

— Engenharia, acelere a inversão do campo de plasma! Propulsores a cem por cento em dez segundos! — A voz dela cortou o ar.

— Mas, alteza, o núcleo não vai aguentar!

— Faça! — Sar Gral bateu a garra no console, fazendo os indicadores tremerem. — Ela se virou para o vazio da tela tátil. — Onde está Vesparin? Traidora miserável!

Na *UPC Kon*, o Capitão Kardassian mantinha a calma, gesticulando com precisão cirúrgica.

— Tenente Shansay, envie as especificações das naves mizzarianas a toda a frota. Concentrem o fogo neste ponto, um pequeno nódulo nas laterais dos destroieres. — Ele indicou no holovisor, usando táticas que já lhe haviam rendido sua patente.

Do outro lado do campo de batalha, os primeiros impactos brutais dos canhões phasers faziam tremer a nave capitânia mizzariana como um animal ferido.

A *Viskar* sacolejava a cada impacto. "*Zero a zero*", pensou a princesa, crispando as garras.

— Eles estão nos flanqueando! — urrou o comandante de armamentos.

— Reposicione a formação em pinça. Disparem tudo! — Sar Gral observava atenta o painel tátil.

Três fragatas da UPC serpenteavam entre os destroieres, atacando os nódulos de força dos escudos. Ainda assim, a força mizzariana era superior. A *UPC Goodles* foi tirada de combate, e logo depois, a *UPC Unificação* foi dilacerada por uma explosão.

— Se continuarmos assim, não teremos chance — murmurou Gar, enquanto a *Ragnarok* flanqueava um dos destroieres.

A cada disparo, o casco tremia, e os escudos estavam no limite.

Então, como um rugido de trovão vindo do vazio, quarenta estrelas paracelsianas emergiram da dobra, suas silhuetas prateadas recortadas contra o gigante gasoso Jordani.

— Assinatura paracelsiana! — gritou o tático da *Ragnarok*.

No flanco esquerdo, as naves de Nar tomaram posição como peças de xadrez. Cada uma disparava com precisão cirúrgica, abrindo brechas na formação inimiga.

— Aqui é o Almirante Nar, de Paracelsus. Retaguarda protegida. Entrem com força.

A voz grave e sem emoção parecia indiferente ao caos ao redor. Mas o impacto de sua frota era inegável.

— Pela luz de Karata! — bradou Gar, recobrando o vigor. — Avancem com tudo!

— Quem está no comando? — perguntou o Almirante Nar.

— Eu, almirante. Capitão Karas Kardassian. — Karas transmitiu imediatamente o esquema tático das naves inimigas.

— Entendido. Frota de Asas, sigam o plano do Capitão Kardassian! Quero cinco naves guardando a retaguarda as demais ao ataque!

Trinta e cinco naves paracelsianas irromperam em direção a frota inimiga como um enxame de insetos metálicos, executando uma coreografia letal.

Seus cascos absorviam a luz do sol de Juliet, e suas trajetórias se cruzavam em ângulos perfeitos — precisos, impiedosos.

Em questão de segundos, os escudos de seis destroieres mizzarianos começaram a ruir sob a artilharia de alta cadência.

Do centro da formação da *UPC Kon*, Karas analisava os dados com frieza.

— Lançar torpedos. Fogo! — a ordem cumprida por seu oficial tático.

Os mísseis riscaram o vácuo em trilhas azuladas. Um instante depois, explosões imensas envolveram as naves inimigas, rompendo casco e estrutura em chamas violentas.

— Quatro naves fora de combate! — informou o tático da *Kon*, com um sorriso contido.

No canal privado, uma nova voz surgiu.

— Capitão Kardassian, aqui é o Comandante Sumak. Estamos em órbita de Juliet com o restante da frota paracelsiana. Daremos cobertura à evacuação se necessário.

— Agradecido, Sumak. Mantenha a retaguarda segura.

Enquanto isso, no centro da formação mizzariana, a *Viskar* tremia. Na ponte, Sar Gral se apoiava no console, olhos fixos no holovisor.

— Alteza, estamos perdendo o flanco! Quatro destroieres desativados! Nossos escudos estão nos últimos cinco por cento!

Ela cerrou os punhos. Os indicadores pulsavam em vermelho, o alarme ecoava como um grito de fim.

— Não pode ser... — murmurou. — Como eles sabiam? Como reagiram tão rápido?

Cada olhar evitado falava mais alto que qualquer palavra.

— Desgraçados! Destruam todos! — gritava Gral, tomada pelo desespero, sem notar a ausência de Trukark na ponte. Alarmes soavam por toda a *Viskar*, e os impactos balançavam a estrutura como se a nave já gritesse por ela.

— Concentrem fogo na nave capitânia — ordenou, destacando o destroier no painel tático compartilhado com a frota. A *Viskar* estava vulnerável. Era o momento.

Em perfeita sincronia, a *Kon*, a *Ragnarok* e a frota do Almirante Nar dispararam seus canhões principais. Feixes de energia cortaram o espaço como lâminas de luz.

A *Viskar* foi atingida por todos os flancos. O casco estremeceu. As camadas de blindagem foram rasgadas como tecido. Explosões internas se encadearam, consumindo compartimentos inteiros em clarões devastadores.

Um grito metálico reverberou pela estrutura da nave — e então ela se partiu ao meio, cuspindo fogo e destroços ao vácuo.

Na ponte de comando, Sar Gral assistia atônita, os olhos fixos nas imagens de sua frota sendo dizimada. Fragmentos de destroieres mizzarianos flutuavam como cadáveres em chamas.

O cruzador partido guinou subitamente, os propulsores mortos, os sistemas inúteis.

Cassiopeia crescia diante dela, um gigante frio e indiferente. A gravidade da lua prendeu os restos da nave em seu abraço fatal.

— Não... — sussurrou Sar Gral, quase sem som.

E viu sua nave, seu trono, ser engolido pela órbita como um sacrifício lançado aos deuses do vazio.

— Que Kavish guarde meu espírito... — murmurou Sar Gral, enquanto a gravidade a arrastava para o abismo.

Seu último pensamento foi para o pai. Se ao menos o tivesse escutado.

A nave, em chamas, foi engolida pela densa atmosfera da lua Cassiopeia. O calor e a pressão comprimiram os destroços até o colapso.

Quando tocou a superfície líquida, o impacto gerou uma onda sísmica. Então, o mar de metano explodiu em uma bola de fogo colossal, que se ergueu por centenas de metros — um cogumelo de chamas azuis e laranja, visível da órbita.

A *Viskar* e sua princesa foram consumidas pelo próprio destino que tentaram controlar.

A balbúrdia de sons e explosões se misturavam as luzes de emergência piscando nas naves restantes.

Nas órbitas superiores, as forças da UPC e de Paracelsus ativavam os protocolos de busca e resgate, com todas as outras naves vencidas e destruídas.

Cápsulas de emergência, destroços, corpos sem vida e sobreviventes flutuavam no caos orbital. Entre eles, escondido em um módulo de fuga, estava o Comandante Trukark.

Alguns mizzarianos ainda tentavam resistir — atirando, sabotando, fugindo — mas eram rapidamente contidos.

A UPC não queria mais carnificina. A batalha estava vencida. O massacre, evitado.

A paz retornava ao sistema Juliet, agora pontuado apenas pelo som dos comunicadores e dos motores em modo de contenção. Pequenas naves auxiliares cruzavam os campos de destroços, recolhendo cápsulas, módulos danificados e corpos — amigos e inimigos.

Na baía de uma dessas naves, o Comandante Gar observava os monitores ao lado do Tenente Comandante Dr. Tyran Alheus. Ambos estavam ansiosos.

A imagem de Muriell atravessando os céus, veloz como um cometa, ainda gravava-se em suas mentes.

O holovisor apitou. Um fragmento de casco, com traços biológicos misturados à estrutura danificada, apareceu.

— Ali — apontou Gar, entre os destroços retorcidos da nave do Yautja.

Era o que restava do corpo do Capitão Muriell. Suas asas estavam chamuscadas, o uniforme rasgado, mas a insígnia da UPC ainda cintilava no peito. Seu corpo teleportado para dentro do pequeno veículo.

— Ele está... morto. Pelo menos este corpo — a voz do Dr. Tyran Alheus, estava embargada.

Estava em pé ao lado da biocama que tinha dos restos do Capitão Muriell, as mãos enluvadas sobre o peito chamuscado do amigo. Os sensores já confirmavam o que seus olhos se recusavam a aceitar.

— A essência dele partiu. Voltou para Goodles. O corpo... será reconstruído. Um ano, talvez menos. — Engoliu seco. — Mas isso aqui... isso ainda é ele.

A tristeza na nave auxiliar era espessa como as sombras.

Gar se aproximou, pousando a mão no ombro de Tyran.

— Vamos dar a ele um fim digno. Como ele merece.

Os dois se entreolharam, soldados de mundos diferentes, unidos por uma dor comum.

Nenhuma palavra foi dita. O campo de contenção zumbia, indiferente ao que acabara de acontecer.

O Comandante Gar se aproximou, os olhos fixos no sarcófago cerimonial que agora envolvia o corpo.

No centro do peito, repousava a insígnia da UPC — uma flor-de-lis prateada.

— Vamos mantê-la com a gente — Gar guardou a insígnia no bolso. — Para quando ele voltar.

Tyran assentiu, tocando brevemente a flor-de-lis com reverência, antes de ser guardada.

Os motores ajustaram a rotação. A escotilha foi preparada. Lá fora, o sol de Segin ardia.

— Que sua luz volte ao ciclo eterno — sussurrou Tyran, em voz rouca, repetindo um rito que jamais havia dito em público.

Com um som abafado, o sarcófago foi lançado ao espaço.

A luz da estrela envolveu a cápsula como um lençol dourado.

Gar permaneceu imóvel, olhos fixos até que a cápsula se perdesse entre os reflexos solares.

— Até breve, Capitão — murmurou.

A calma voltou à nave auxiliar, enquanto a cápsula desaparecia rumo à estrela. Lá fora, a batalha cessara, mas o eco da destruição ainda pairava sobre o sistema Cassiopeia.

Na superfície de Juliet, longe da órbita em chamas, o Presidente Varlen e sua comitiva haviam sido evacuados para a margem do lago Kusti. As luzes da batalha ainda cintilavam no céu distante, como relâmpagos resplandecentes refletidos na água escura.

— Quanto tempo acha que vamos ficar aqui, Pollux? — perguntou Varlen, já despido de suas roupas de gala.

— Não sei, senhor Presidente. Perdemos comunicação. O Comandante Gar informou que naves mizzarianas estavam atacando.

— Uriel sabia que isso aconteceria. Com certeza há uma batalha em curso. Eu deveria estar lá... — Varlen olhava para o céu, saudoso.

— Eu não permitiria, senhor. E o senhor sabe disso — lembrou Pollux, firme. — Alguma notícia do Conselheiro Rot?

A última imagem que Varlen tinha dele era de médicos juliets espectrais o carregando para longe.

— O Embaixador Bloop está com ele. Tenho certeza de que está em boas mãos.

As primeiras horas após a evacuação foram de caos controlado. Todos os feridos haviam sido levados para os Campos — os hospitais naturais de Juliet, onde almas de toda galáxia eram recebidas a procura de cura.

Nas câmaras de recuperação, tudo parecia suspenso no brilho azul — o ar imóvel, como se o tempo hesitasse em avançar. Cânticos pulsavam, ritmando a esperança dos que resistiram.

— Meu pai vai sobreviver — Amber Rot, filha de Jorian, segurava com firmeza a mão do pai, sentada ao lado do leito.

De onde estavam, as luzes da batalha não eram visíveis. Apenas o som suave dos equipamentos preenchia o espaço.

— Oro para que nossos soldados estejam bem — murmurou Alexander, o coração apertado por seus amigos na frota.

A floresta seguiu sua sinfonia noturna, indiferente à tensão que pairava entre os sobreviventes. O céu de Juliet, antes incendiado por feixes de energia, agora cintilava com os primeiros raios de Segin.

Quando a luz dourada cortou as águas plácidas do lago, as notícias chegaram: a UPC vencera.

Nas margens, soldados exaustos se erguiam com dificuldade. Civis feridos agradeciam em orações e preces para seus deuses. Alguns choravam.

O Comandante Gar surgiu entre as sombras, o uniforme chamuscado, a voz rouca de cansaço.

— Major Pollux, estamos prontos para teletransportar todas as autoridades.

Pollux, com o rifle ainda nas costas e o olhar endurecido, assentiu.

— Certo. Eu irei na última leva.

Olhou ao redor uma última vez. O planeta era realmente lindo — lagos cristalinos, luz branca, campos floridos como poemas —, mas os Juliets...

Aquelas figuras translúcidas, etéreas, sussurrando em línguas estranhas... Pollux sempre sentira calafrios. Era algo ancestral. Todo canusiano carregava o medo irracional dos espectros — e os Juliets pareciam exatamente isso: fantasmas vivos.

Estar ali, cercado por eles, exigira toda sua força de vontade. Nunca admitiria em voz alta, mas havia lutado contra o pânico desde o momento em que pisou naquele mundo.

Despediu-se de Juliet sem saudade, com alívio contido, prometendo a si mesmo que nunca mais pisaria naquele mundo.

E se dependesse dele, manteria essa promessa até o fim de seus dias.

A Batalha de Cassiopeia terminara, mas suas consequências ainda reverberavam.

Na sala oval de conferências da sede da UPC, em Hedén, capital de Goodles, o Presidente Varlen permanecia de pé diante da mesa de holoprojeção. A cúpula translúcida da sala revelava os anéis azulados do planeta, girando pacificamente acima.

Diante dele, projetados em escala natural, estavam os membros do alto conselho: comandantes da frota, embaixadores planetários e secretários.

— Senhor Presidente — a voz do Almirante Ydrael, grave e preocupada. — Temos dez mil prisioneiros mizzarianos.

Houve um instante de pausa — o suficiente para que todos sentissem o peso daquela responsabilidade.

Varlen pousou as mãos na mesa. Os olhos não vacilaram.

— Preparem o transporte — disse, com firmeza. — Eles serão enviados de volta pelo buraco de minhoca. Assim que cruzarem, o portal será selado.

Um leve estremecer nos hologramas denunciou a tensão.

— Que os mizzarianos não retornem ao nosso quadrante — concluiu. — E que essa decisão seja compreendida como um gesto de paz, não de fraqueza.

Ninguém aplaudiu. Mas todos assentiram.

Hedén girava, alheia ao que viria. A galáxia, por ora, mantinha-se em expectativa.

Seis meses depois, o cargueiro classe Ômega cruzou o buraco de minhoca, carregando os dez mil prisioneiros mizzarianos de volta ao império. A bordo, o murmurar daqueles que sabiam de seu destino. Soldados vencidos, sem a empáfia mizzariana. Entre eles, o Comandante Trukark mantinha os olhos fechados, como se já soubesse o que o aguardava.

Aquela era uma viagem sem volta.

Logo em seguida, do lado da UPC, torpedos de táquions foram lançados com precisão matemática.

Coordenando a operação, a doutora Phibeas Hacor — primeira wuponiana a liderar uma missão científica interplanetária — observava os monitores com a tranquilidade de quem entende as forças cósmicas em jogo.

— Cargas estabilizadas. Impacto em doze segundos — anunciou ela, em sua voz mansa e cadenciada.

Quando os torpedos atingiram os pontos de intersecção da anomalia, o espaço-tempo estremeceu. Um brilho branco se expandiu, colapsando o vórtice gravitacional sobre si mesmo. A dobra vibrou em agonia... e depois, apenas o espaço profundo.

O buraco de minhoca havia sido selado.

Para sempre.

Do outro lado da galáxia, em Zuladya, o cargueiro pousava sob um céu pálido e sem vento. Os prisioneiros desembarcavam de cabeça baixa, recebidos por fileiras de guardas cerimoniais. Nenhuma saudação. Nenhuma promessa.

Trukark permaneceu por último.

Seus passos ecoavam pelas pedras negras do palácio imperial. Subia a escadaria com o peso de mil batalhas nos ombros — e de um amor não correspondido que ainda o corroía por dentro.

Ele sabia seu destino.

E, quando os olhos flamejantes do Imperador Kazariagot encontraram os seus no alto do trono, todo desejo de sobrevivência se dissipou como poeira ao vento.

— Onde está minha filha, Comandante? — A voz do imperador era puro ódio.

— A Hetrek Gral... morreu na batalha, meu Imperador.

— Você não deveria ter morrido ao lado dela, seu verme? — Kazariagot ergueu a garra de sua pinça até o pescoço do comandante. — Não deveria tê-la trazido de volta viva e vitoriosa?

— Eu... tentei... Ela recusou. Esperava reforços da Comandante Vesparin. Ela nos traiu.

— Sim. Os vazzionianos traíram minha filha. Você acha que eu não sei? — grunhiu o imperador. — Mas você... você estava lá!

Com um urro, ele decapitou Trukark. O corpo caiu, convulsionando, enquanto o sangue escorria pela escadaria.

— Matem todos — ordenou, impassível.

Enquanto o cheiro de plasma queimado se espalhava pelo pátio, Kazariagot já arquitetava sua vingança. Uma vingança que cruzaria sistemas estelares.

— Chamem o Comandante Z'dor — disse, ativando o holocomunicador, sem sequer olhar para os dez mil soldados que eram executados atrás dele.

A imagem de Z'dor, um mizzariano de uma etnia bípede que o imperador repudiava, apareceu. Mas ele era eficiente.

— Z'dor, a *Destructor* está pronta?

— Sem dúvidas, grande filho de Kavish. Temos um alvo, Vossa Magnificência?

— Temos. Destrua o planeta Vazzios. Que esses demônios amaldiçoados sirvam de exemplo. Ninguém na galáxia estará a salvo da minha vingança. Ninguém!

A holoimagem se dissipou. A ausência de som parecia carregar mil condenações. A maior máquina de destruição já construída despertava para seu novo propósito. Vazzios não seria conquistado.

Seria erradicado.